

O crime usa farda no Entorno

Procuradores investigarão policiais acusados por torturas e assassinatos

JOSÉ LUIZ OLIVEIRA
E LUÍS AUGUSTO GOMES

De 1997 até hoje, o Ministério Público de Goiás recebeu 60 denúncias de arbitrariedades policiais, envolvendo tortura, extorsão e assassinatos. Dos 190 denunciados pelos crimes, 178 são policiais – 129 militares, 30 agentes da Polícia Civil, dez delegados, sete agentes penitenciários e dois escrivães. Os outros 12 acusados são pessoas ligadas às vítimas por laços de parentesco.

Esses números fazem parte de levantamento feito pelo subprocurador de Justiça do Estado de Goiás, Saulo de Castro Bezerra, integrante de uma equipe composta por 57 procuradores, encarregada de investigar os abusos policiais nas cidades ao redor do Distrito Federal. O número de denúncias dobrou em 2002 em relação a 2001: passou de 12 para 24. Em 2003, foram registradas até agora quatro denúncias.

Ao fim de seis meses de trabalho, os procuradores concluíram que não se trata de ações policiais isoladas, ou simplesmente truculência de quem ainda aposta na violência para elucidar crimes, submetendo suspeitos à dor física para obter confissão. Trata-se, na verdade, de crime organizado, envolvendo policiais civis e militares, muitos deles já identificados.

Entre as ações, estão o sumiço de processos e travamento de investigações em casos que contrariavam os interesses do grupo. Os números de assassinatos são assustadores: só no IML de Luziânia há registro de cem corpos que ainda não foram identificados, segundo o advogado Augustinho Pedro Veit, da assessoria jurídica da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados.

A unha deste monstro, segundo Saulo Bezerra, começou a aflorar em 1999, duran-

te as investigações sobre o desaparecimento de um carroceiro conhecido por Betinho, morador do Novo Gama. Sua ossada foi encontrada próximo a Alexânia, a 70 quilômetros de Brasília. O local, descobriu-se depois, era utilizado pelo grupo de extermínio para desova de corpos. Nove policiais militares, lotados no 19º Batalhão do Novo Gama, entre eles um major, foram indiciados pelo crime de seqüestro e assassinato. Todos foram julgados e condenados.

Há três meses, a equipe de procuradores foi desfeita, em razão da carência de promotores nas comarcas de Goiás. Mas deixou um amplo relatório dos crimes praticados pela polícia. A investigação dos procuradores de Goiás foi a tal ponto minuciosa que eles fizeram curso sobre tortura

"Perdemos a esperança de encontrá-lo vivo. Mas gostaria de sepultá-lo, para dizer: Ele está aqui"

Docine da Conceição, mãe de Cristiano Bandeira, desaparecido há um ano

antes de iniciar o trabalho no Entorno. Saíram a campo sabendo tudo, preparados para enfrentar todos os ardis dos suspeitos.

Ontem, o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH) do Ministério da Justiça instalou a força-tarefa que vai investigar o envolvimento de policiais militares e civis do Entorno e DF em casos de tortura, extorsão e assassinatos.

A equipe é formada por representantes do Superior Tribunal de Justiça, Procuradoria-Geral da República, Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público dos Estados, Ordem dos Advogados do Brasil, Ministério da Justiça, Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, Polícia Federal e Receita Federal.

Três depoimentos emocionaram os participantes da reunião: duas mães, cujos filhos foram presos por policiais militares na porta de casa, em Luziânia, e nunca mais foram vistos, e uma mulher torturada na delegacia de Águas Lindas para assumir a autoria de um latrocínio.



Hélio tinha 13 anos e ia testemunhar contra PM. Desapareceu

O dia 14 de maio deste ano nunca será esquecido pela cozinheira Rosália de Souza Barbosa, 39 anos, empregada de uma empresa que fornece refeições. Mãe de Hélio Barbosa da Silva, 13 anos, ela conta que a última vez que viu o filho foi no dia em que foi levado da porta de

casa, no Setor Mandu II, em Luziânia, por um homem em um Gol vinho. O garoto era testemunha de acusação contra um policial militar e iria prestar depoimento no Ministério Público. Dias antes de desaparecer, um PM foi à sua casa e pediu para Hélio não comparecer ao

interrogatório. Rosália não sabe o que o filho disse ao policial, mas não tem dúvida de que Hélio foi levado porque sabia demais. Ela conta que a polícia não dava sossego ao garoto e todos os dias estava em sua casa, tentando incriminá-lo em algum caso. Emocionada,

Rosália Barbosa conta que sua vida se transformou em um inferno por causa da perseguição policial. "Quase perdi o emprego. Tinha medo de deixar meu filho em casa sozinho e comecei a faltar". Mas ela não perde a esperança de ver o PM punido na forma da lei.



Família perde as esperanças

A dona de casa Docine Maria da Conceição, mãe do produtor de eventos Cristiano Bandeira da Silva, 21 anos, há quase um ano espera notícias do filho. O rapaz saiu de casa, na Cidade Osfaya (Luziânia), dia 8 de julho de 2002, por volta das 10h, para pagar uma conta de luz. Uma testemunha contou à família que Cristiano foi abordado e colocado dentro de uma viatura pelos soldados Geílson Souza Cardoso, conhecido como Robocop, e

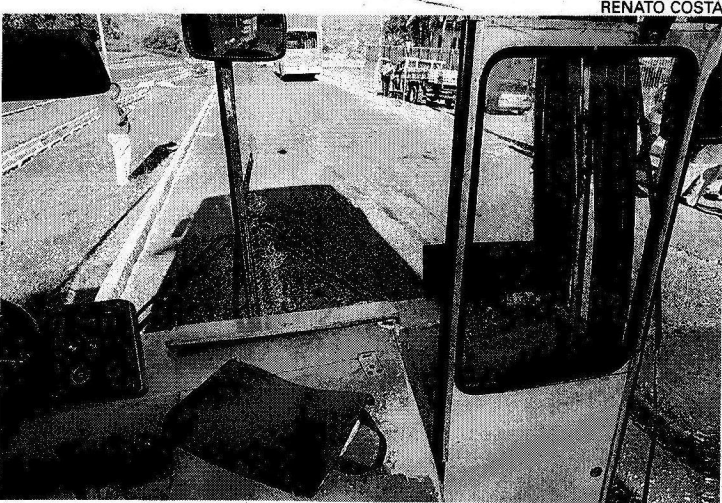
Luiz da Conceição Silva, lotados no 10º Batalhão da Polícia Militar de Luziânia. Desde então, o rapaz nunca mais foi visto. A mãe afirma que Cristiano não tinha envolvimento com a polícia e não entende por que os PMs levaram seu filho. "Ele não tinha o hábito de sair sem dizer onde iria. Por isso, depois de tanto tempo, perdemos a esperança de encontrá-lo com vida", diz. "Mesmo assim gostaria de sepultá-lo, para dizer: Ele está aqui!"



Cristina, cinco dias de tortura

Cristina Ilana Carneiro, 30 anos, moveu em seu depoimento. Ela foi retirada de casa, às 3h do dia 13 de maio de 2002, pelos agentes Reis, Celso e Israel, e levada para a Delegacia de Águas Lindas, comandada naquele plantão pelo delegado Divino. Queriam que ela confessasse um latrocínio. Como não admitiu a culpa, foi torturada durante cinco dias e depois levada presa para o presídio local. Libertada por falta de provas, teve depois a prisão

decretada pela Justiça e se tornou fugitiva. Perdeu emprego, marido e filhos. Inconformada, escreveu à primeira-dama do DF, Weslian Roriz, pedindo ajuda. A delegada Deborah Menezes, a quem foi encaminhada, aconselhou-a a se entregar e lhe conseguiu um advogado. Cristina arrumou as malas, despediu-se dos filhos e foi para a prisão até o caso ser levado à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados que a libertou.



Colisão Uma disputa por passageiro acabou em acidente entre o coletivo, placa LDB 9961, da empresa Viva Brasília, dirigido por José Reis, 31 anos, e o ônibus de transporte alternativo, placa JJD 9823, dirigido por Francisco Alfredo do Nascimento, 23 anos, na manhã de ontem, na altura do Fórum do Paranoá. De acordo com José Reis, o alternativo seguia muito perto do ônibus da Viva Brasília e não conseguiu frear seu veículo, causando a colisão.



VALPARAÍSO

PM feminina presa por tráfico

Os moradores da Quadra 56, na Etapa B de Valparaíso (GO), esperam retomar a tranquilidade da vida diária depois da prisão, anteontem, da policial militar Elaine Lucas de Paula, 34 anos. Na casa dela, a polícia encontrou 90 gramas de maconha e uma lata com 7,4 gramas de merla.

De acordo com os vizinhos, Elaine se mudou para a rua há cerca de dois meses. Tinha pouco contato com ela. Mas observavam que era frequente a grande movimentação de pessoas estranhas, "tipos nada agradáveis", como descreveu um vizinho.

Uma das moradoras conta

que vivia assustada. Ela, que morava na rua há 16 anos, proibiu os netos de brincar fora de casa por causa da presença dos desconhecidos. Na tarde de ontem, as crianças voltaram a jogar bola e a andar de bicicleta, como era normal até a chegada da policial. Elaine Lucas foi presa em flagrante e autuada por tráfico de drogas e formação de quadrilha. Pode pegar de três a 15 anos de prisão. Ela tem 14 anos de carreira na PM e está

lotada no Regimento de Polícia Montada do Riacho Fundo. Foram presos também o companheiro de Elaine, Luciano Laurindo, 22 anos, Ueinei Ferreira da Silva, 24, e o menor J.F.D.S, 15 anos.

No depoimento à polícia, Elaine disse que desconhecia a existência da droga e negou o comércio de entorpecentes. O companheiro dela confessou ser traficante e reafirmou que a mulher não tinha conhecimento da maconha e da merla.

A policial militar Elaine está na corporação há

14

anos, mas agora pode pegar 15 anos de prisão

No entanto, de acordo com o comandante-geral da PM, coronel Pedro Tabosa, Elaine vinha sendo investigada há tempos. Na Delegacia de Valparaíso, existiam várias denúncias anônimas contra ela. As investigações se intensificaram depois da prisão do assaltante conhecido como "Gibi". Ele contou que, depois de assaltar uma farmácia, se escondeu na casa da PM feminina. Disse, ainda, que ela escondia drogas e armas. Com base no depoimento de Gibi, a polícia conseguiu um mandado de busca e apreensão, que permitiu invadir a casa e apreender a droga.